
EDUCAÇÃO FÍSICA

ANA PAULA TERUEL

**ATIVIDADES DE AVENTURA NO
CONTEXTO ESCOLAR, NA VISÃO DE
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Rio Claro

2011



AUTOR: ANA PAULA TERUEL

ATIVIDADES DE AVENTURA NO CONTEXTO ESCOLAR,
NA VISÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Orientador: Gisele Maria Schwartz

Co-orientador: Danielle Ferreira Auriemo Christofolletti

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Rio Claro

2011

796.07 Teruel, Ana Paula
T332a Atividades de aventura no contexto escolar, na visão de
professores de educação física / Ana Paula Teruel. - Rio Claro
: [s.n.], 2011
35 f. : il., gráfs., tabs. + 02 TCLE e Questionário

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação
Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biociências de Rio Claro
Orientador: Gisele Maria Schwartz
Co-Orientador: Danielle Ferreira Auriemo Christofolletti

1. Educação física – Estudo e ensino. 2. Área Escolar. 3.
Esportes radicais. 4. Meio Ambiente. 5. AFAN. I. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família, por me apoiar em todas as decisões que tive que tomar, tanto nas importantes quanto nas triviais. Meus pais, por me ensinaram que todas as coisas acontecem por um motivo.

Agradeço as minhas amigas (Aline, Fernanda, Marina e Irla) e aos colegas de curso, que fizeram desses 4 anos os melhores da minha vida, e que me ajudaram de todas as formas possíveis. Pelos grupos de estudos que realizamos antes das provas mais difíceis e pelos trabalhos que tivemos que fazer até altas horas da madrugada.

Agradeço também ao Marcelo, meu namorado, que me ajudou e me apoiou em todos os momentos que eu precisei, até quando eu não precisava. Obrigada pela paciência que você teve comigo principalmente quando eu estava “surtando” para terminar esse TCC. Te amo!

RESUMO

Atualmente, a sociedade vive em uma época na qual o consumismo é exacerbado e isso desencadeia diversas consequências negativas para o meio ambiente. No ambiente escolar, existem vários objetivos a serem alcançados, dentre estes é preciso dar uma atenção especial à formação de valores dos alunos, auxiliando e ampliando o conhecimento e vivificando os que forem trazidos do ambiente familiar. Sendo assim o objetivo deste trabalho é analisar a utilização das Atividades Físicas de Aventura na Natureza nas escolas do município de Rio Claro, na visão dos profissionais de Educação Física. Este estudo é de natureza qualitativa e consiste na aplicação de um questionário em uma amostra aleatória composta por 20 sujeitos que possuíam graduação em Licenciatura em Educação Física e atuavam, nas redes públicas e privadas, nessa área. Os dados provenientes da aplicação dos instrumentos propostos foram analisados descritivamente, por meio da utilização da Técnica de Análise de Conteúdo Temático. Foi possível verificar que existe a vontade dos professores em aplicar esse tema e o reconhecimento dos mesmos sobre a importância das AFAN para seus alunos. Porém um obstáculo encontrado por eles está na falta de preparação para poder trabalhar com estas atividades. É interessante notar que eles atribuem esta falta à formação acadêmica dos professores, na qual esse tema não vem sendo abordado como deveria. Há esperança que de este estudo tenha na comprovação de que as AFAN são um tema viável dentro do ambiente escolar, principalmente no que se diz respeito aos benefícios para os alunos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVO.....	2
3. REVISÃO DE LITERATURA	3
3.1. Educação	3
3.2. Atividades Físicas de Aventura na Natureza.....	7
4. MÉTODO.....	11
4.1. Instrumento	11
4.2. Sujeitos.....	12
4.3. Procedimentos	12
4.4. Análise dos dados.....	13
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	13
5.1. Eixo Aplicação das AFAN	14
5.1.1. Motivos para aceitação sobre a aplicação	14
5.1.2. Preparo para aplicação	17
5.1.3. Dificuldade da aplicação	20
5.2. Eixo Interesses	21
5.2.1 Sub-Eixo Condições na escola	22
5.2.2. Sub-Eixo Interesse dos alunos.....	24
6. CONCLUSÃO	26
7. REFERÊNCIAS.....	29
8. ANEXOS.....	33
8.1. Anexo I.....	33
8.2. Anexo II	34

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, a sociedade vive em uma época na qual o consumismo é exacerbado e isso desencadeia diversas conseqüências negativas para o meio ambiente. Outro ponto relevante é o fato de as crianças estarem cada vez mais se afastando do contato com a natureza e se voltando, de forma descontrolada, para as tecnologias em geral, resultando em um estilo de vida não saudável e distante do ambiente natural. É importante ressaltar que a proximidade com as novas tecnologias não pode ser apontada como único problema, visto que há diversos elementos sociais que também contribuem com este fator, como por exemplo, o descompromisso com que crianças e adultos aprendem a conceber a natureza, não como vital, porém, apenas como cenário para algumas práticas.

Se não é percebida a necessidade de atuação qualitativa entre as ações humanas e o ambiente natural, não há, também, o compromisso de preservação da natureza, emergindo daí um grande desafio a ser vencido, no sentido de se fomentar estratégias capazes de aprimorar a sensibilidade nessa relação. Para resolver esse impasse, é necessário conscientizar as pessoas sobre a situação premente de mudança de valores, com o intuito de mostrar possíveis caminhos a serem seguidos, os quais culminem em uma melhoria na preservação da natureza.

Neste contexto é importante ressaltar o papel que a educação escolar tem diante desta temática, visto que esta é uma das principais formas de conscientizar a população sobre a necessidade de aquisição de hábitos preservacionistas. Isso ocorre durante a formação do indivíduo, enfatizando aqui que um dos papéis da escola é o de transformar os indivíduos em cidadãos conscientes. Sendo assim, esta instituição de ensino pode intervir diretamente com as crianças e resultar em possíveis alterações de valores e condutas, no que concerne à melhoria das ações no meio ambiente.

No ambiente escolar, existem vários objetivos a serem alcançados, dentre estes é preciso dar uma atenção especial à formação de valores dos alunos, auxiliando e ampliando o conhecimento e vivificando os que forem trazidos do ambiente familiar. Para que isso ocorra de forma eficaz, se faz necessário desenvolver, tanto o aspecto físico, quanto o sociocultural da criança, sendo assim, é papel da escola fornecer subsídios para que tal avanço ocorra.

Diante destas discussões acerca da formação dos alunos, se faz necessário ressaltar um dos temas de grande relevância a ser inserido no contexto educacional, referente a trabalhar com o meio ambiente. Algumas iniciativas já estão em curso reforçando a necessidade de novas atitudes e condutas frente ao ambiente, entretanto, essas ações parecem ainda

ineficientes, especialmente porque muitas delas não atendem às expectativas dos alunos, que buscam elementos desafiadores. Para que esta temática seja desenvolvida a contento, diversas estratégias podem ser adotadas, especialmente aquelas que disponibilizem o contato com o ambiente natural. Assim, um dos conteúdos que pode ser abordado durante o ensino, de forma interdisciplinar, são as Atividades Físicas na Natureza (AFAN). Esse tema, além de proporcionar uma grande vivência para o aluno, no que diz respeito ao repertório motor, também ajuda na construção de valores sobre a educação ambiental, tendo em vista que os alunos se deparam com elementos novos e instigantes, repletos de desafios, no qual pode vivenciar diferentes emoções.

Segundo Gonçalves Jr. (2006), as AFAN são consideradas práticas corporais. Essas atividades estão envolvidas com o contato do ser humano com a natureza, e tal interação traz consigo uma variedade de emoções e sentimentos, que não seriam facilmente encontrados no ambiente urbano, enriquecendo, assim, a relação dos seres humanos e o meio ambiente.

A prática das AFAN, além de ajudar na percepção e no contato com a natureza, permite maior conhecimento de si e de suas limitações, já que, dentro dessas atividades, existe a preocupação em conhecer o local, as técnicas e os instrumentos utilizados, assim como, as peculiaridades de tal prática. Toda essa preparação ajuda o praticante a planejar melhor suas ações, meios e conseqüências. Para que isso ocorra de forma eficaz, é preciso que o praticante possua certo conhecimento sobre si próprio e de seus limites.

Sendo assim, torna-se um desafio investigar de que modo as Atividades de Aventura podem ser inseridas no contexto escolar, sob a ótica do profissional de Educação Física atuante neste segmento.

2. OBJETIVO

Analisar a utilização das Atividades Físicas de Aventura na Natureza nas escolas do município de Rio Claro, na visão dos profissionais de Educação Física.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1. Educação

A Educação Básica abrange a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, sendo um dependente do outro para a progressão do aluno. Seu objetivo deve ser o desenvolvimento integral do aluno, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, entretanto, a educação familiar e a institucional devem se complementar (BRASIL, 1999). Nessa perspectiva, o trabalho está voltado para uma educação que compreende a realização plena do ser humano, respaldada na construção e reconstrução de conceitos e o fortalecimento de valores indispensáveis para um convívio saudável e de prosperidade.

Segundo Ribeiro (2007), a escola, apesar de possuir certa organização, esta ainda não é a ideal, sua estrutura se apresenta com pontos positivos, porém, também com pontos negativos que se sobressaem. Baseada nesta configuração pode-se notar que isso contribui para a formação de dominados e dominantes, dentro da mesma escola, via discurso ideológico do capitalismo. Porém, vale ressaltar também, que a escola acaba sendo um espaço voltado para o crescimento individual e coletivo dos adolescentes. Além de se configurar como um espaço para convivência social.

Tal situação escolar obedece à lei que rege o ensino nacional brasileiro nomeada de LDB (Lei de Diretrizes e Bases) que foi deliberada em 1996, visando congregar a ação de educadores em âmbito nacional. Esta iniciativa se deve ao fato da necessidade de nivelção do grau da educação nacional. A LDB apresenta que, tanto a família, como o Estado devem ser responsáveis pela educação, tendo em seu conteúdo que a educação deve vir embasada nos seguintes princípios:

“[...] igualdade de condição para o acesso e permanência na escola; liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de idéias e de concepção pedagógicas; respeito à liberdade [...]; coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; valorização do profissional de educação escolar; gestão democrática [...]; garantia de padrão de qualidade; valorização da experiência extra-escolar; e vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais” (BRASIL, 1997, p.39).

Para garantir aos alunos esta situação de ensino é interessante acrescentar no planejamento escolar as atividades na natureza, pois elas possuem importante fator social em

sua prática, sendo subsidiadas por algumas premissas na Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estas dão suporte legal para que a aplicação das AFAN nas escolas venha a ser uma prática que possibilite ao aluno maior contato com a natureza e promova nova visão para as práticas sociais. Isso também vem ao encontro do art. 22 desta mesma Lei, acerca de proporcionar o exercício da cidadania, fornecendo subsídios para que estes valores progridam. Como ressalta Coimbra (2006, p.162), essas atividades propiciam “[...] uma experiência rica em sensações e de valores, fazendo emergir um sentimento de união e contemplação, paralelamente à construção de ética baseada no respeito e no redescobrimento.”

Outro documento a ser aqui considerado, por reger a educação em nível nacional, são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que visam enfatizar e divulgar os temas transversais, que, dentro de um contexto social, encontram-se bastante evidenciados (BRASIL, 2000). Devido à importância que é dada a estes temas, entende-se que devem ser desenvolvidos em todas as disciplinas, não sendo um privilégio apenas da Educação Física. Trabalhar com temas como Ética, Meio Ambiente, Saúde, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, nos dias atuais, é de muita valia, visto que o papel da família, que antes era pautar a educação nesta direção, tem deixado um pouco de lado tais valores. Cabe aqui ressaltar os objetivos gerais que regem os PCN:

- “[...] compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia,
- atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País;
- conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;
- perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
- desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
- conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;
- utilizar as diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e

usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;

- saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.” (BRASIL, 1997, p.69).

Trabalhar com o tema Meio Ambiente vem ao encontro das orientações que os PCN trazem em seu conteúdo, pois contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e que estejam prontos para atuar dentro da sociedade em que vivem. Para tanto, as aulas devem abordar atitudes, valores, ensino e aprendizagem de procedimentos (BRASIL, 1997) que levem os alunos a repensar o seu papel na sociedade em que estão inseridos. Por ser um tema amplo e causar uma aproximação com a natureza, é possível também contemplar a questão da poluição urbana. Aqui cabe ressaltar que a prática pela prática no ambiente natural não é suficiente para provocar reflexões sobre essas questões emergentes. É preciso haver envolvimento com as atividades por parte dos sujeitos, olhando com atenção a sua volta e refletindo sobre a situação (BRASIL, 1998), na qual o professor deve servir de intermediário, instigando os alunos a alcançarem este conhecimento.

Ao apresentar ao aluno o conceito de que o meio ambiente pode e deve ser explorado visando a melhoria social e fazendo-o entender que ser observador ajuda a identificar os problemas e possibilita encontrar soluções, corrobora-se as propostas de trabalho com a formação moral dos alunos, sustentando o embasamento sugerido pelos PCN: “Com a realização de atividades no meio natural, pode-se desenvolver uma atitude de observador, atento às mudanças” (BRASIL, 1998, p.40). Outra pesquisa que se preocupa com este tema é a de Bruhns (1997) evidenciando a importância de reflexão sobre a interação humana com o meio ambiente, apontando o compromisso com mudanças de atitudes e valores, os quais possam interferir positivamente nessa relação.

A abordagem ecológica defende que existe uma compatibilidade entre o indivíduo e o meio ambiente em que ele é inserido, ou seja, a espécie e seu meio são codesignados e compatíveis um com o outro (FITCH; TURVEY, 1977). Desse modo, trabalhar com esse tema nas aulas de Educação Física é imprescindível, porque poderá ensinar às crianças como é importante cuidar do meio ambiente em que vivem. Poderá, inclusive, fazer com que os alunos tenham uma nova visão de mundo, uma visão mais realista e preocupada com suas ações.

Para Oliveira (2006) um dos componentes curriculares da Educação Básica é a Educação Física, esta deve ser entendida como: uma ciência que se utiliza de várias outras ciências para estudar e motivar a prática dos movimentos humanos por meio da ginástica, dos jogos, do esporte e da dança, assim, encontra-se diretamente ligada a vida das pessoas, afinal ninguém passa a vida inteira parado, sem praticar nenhuma ação.

A Educação Física atende um público diverso nas suas necessidades, podendo ser do âmbito escolar, da saúde, do alto – rendimento, do lazer, das políticas públicas, independente da camada social e econômica. E, pelo fato da sua grande abrangência, torna-se uma área de relevância social, pois oportuniza e melhora as condições das atividades humanas. Para melhor entender o conceito de Educação Física cabe fazer um breve levantamento de sua origem e história.

Inicialmente, ela aparece intimamente ligada à entidade militar e à classe médica, portanto tinha-se uma forte vontade de melhorar os hábitos de saúde e higiene da população (BRASIL, 2000), porém esta preocupação estava mais direcionada a soldados. Com o passar do tempo, notou-se as inúmeras contribuições da Educação Física para o desenvolvimento do ser humano e, como isso, ela passou a ser incluída como disciplina obrigatória na educação, com o nome de ginástica, após a Reforma Couto Ferraz de 1851. No início, o termo Educação Física não existia, e as atividades consideradas importantes para o desenvolvimento das crianças envolviam apenas o conteúdo da ginástica, fato este que mudou na década de 60, com a inserção dos esportes e jogos pré-desportivos (MARINHO, 1980).

As atividades humanas que foram incorporadas na cultura podem ser nomeadas como cultura do movimento humano e, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), adota-se a distinção entre organismo, como sistema fisiológico e corpo, num contexto sociocultural. Ainda, a Educação Física é considerada como cultura corporal nos moldes do PCN, pois essa área aborda os conteúdos como expressão de produções culturais, como conhecimentos acumulados historicamente e socialmente transmitidos, a exemplo dos jogos, das lutas e das danças (BRASIL, 1997).

Desta forma, a Educação Física escolar contempla múltiplos conhecimentos a respeito do corpo e do movimento e, a partir dos conhecimentos prático e conceitual, é possível contemplar as dimensões envolvidas em cada prática corporal. Como tarefa da Educação Física escolar, esta deverá garantir o acesso dos alunos a estas práticas da cultura corporal, contribuir para a construção de um estilo pessoal para exercê-las e oferecer instrumentos para que sejam capazes de apreciá-las. O ponto central deste estudo é descobrir uma maneira de tornar as aulas de Educação Física mais prazerosas e agradáveis, tanto para os alunos que as

estão vivenciando, como para os professores, que as estão lecionando. Assim, as atividades físicas de aventura na natureza podem ser uma das estratégias interessantes a serem adotados com este intuito, tendo em vista suas características envolvendo alto teor emocional.

3.2. Atividades Físicas de Aventura na Natureza

Existem vários termos para se referir às atividades físicas que são praticadas no ambiente natural, como “Esporte de Aventura” ou “Esportes Radicais”. Neste estudo utilizou-se o termo Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN). Essa expressão foi usada primeiramente por Betrán (2003), definindo essas atividades como novos esportes.

A Bei Comunicação (2002), utilizando o termo “Esportes Radicais”, o define como modalidade esportiva localizada no ambiente natural, que requer treinamento prévio e utilização de equipamentos próprios para tais práticas. Esta atividade abrange, desde simples corridas em meio à natureza, até praticas mais específicas, que necessitam de altas tecnologias para serem realizadas, como *Base Jump*.

A busca por fortes emoções está presente nas práticas junto à natureza, segundo Cantorani e Pilatti (2005). Essa busca sempre existiu, entretanto, nem todas as atividades que envolvem emoção podem ser classificadas como “esportes de aventura”, mas apenas aquelas que possuem efetivamente um caráter esportivo.

Essas fortes emoções que vêm atreladas à prática das AFAN geralmente são provocadas por riscos aos quais os praticantes são expostos. Esses riscos são causados propositalmente, porém são controlados por vários métodos, como segurança, bons equipamentos e conhecimento prévio do local onde a tal atividade será realizada (TEIXEIRA, 2004).

Para Bruhns (1997), o contato com a natureza e as emoções pertinentes às atividades praticadas na mesma, fazem com que apareça uma harmonia entre o ser humano e o meio ambiente, demonstrando certo equilíbrio e satisfação ao término destas atividades. Outro fator importante é permitir que o ser humano se sinta parte do meio em que está inserido e perceba que suas ações implicam em consequências ao mesmo. Para exemplificar tal percepção, pode-se praticar o hábito de escutar a natureza, para, desse modo, percebê-la melhor (BRASIL, 1998).

As AFAN são atividades relativamente novas no cenário da cultura esportiva e no do lazer. Ela teve sua grande difusão a partir da década de 90, devido ao grande trabalho da

mídia e do aumento do comércio de atividades do contexto do lazer e do turismo ecológico. Mas, cabe aqui ressaltar que essas atividades já eram praticadas há milhares de anos. Os antigos povos que habitavam o Círculo Polar Ártico utilizavam caiaques para pesca e locomoção; grandes pensadores, como Leonardo da Vinci já elaboravam maneiras de voar usando vários exemplares; nos registros das grandes batalhas por terra na Mesopotâmia, foram encontradas menções sobre mergulhadores (PEREIRA; ARMBRUST, 2010). Assim, é possível verificar que estes fatos são exemplos de como as AFAN já eram praticadas pelas antigas sociedades e pelos grandes nomes da história.

Porém, Pereira e Armbrust (2010) ressaltam que as AFAN são atividades relativamente novas no cenário da cultura esportiva. Esses autores ainda afirmam que as AFAN podem promover vários benefícios para seus praticantes, entre eles, pode-se citar melhor desenvolvimento e aprimoramento das capacidades e habilidades físicas, além de ajudar na integração do ser humano com o ambiente e na socialização com os outros.

Pereira et al(2008) propõem uma classificação das AFAN de acordo com o ambiente em que elas são praticadas. Essa classificação está explicitada e exemplificada na tabela apresentada a seguir.

Tabela 1. Classificação geral dos esportes radicais divididos em esportes de aventura e de ação quanto ao local de prática.

ESPORTES RADICAIS		
LOCAL DE PRÁTICA	AÇÃO	AVENTURA
Aquático	Surfe, windsurf, kitesurf	Mergulho (livre e autônomo), canoagem (rafting, caiaque, aqua ride, canyoning)
Aéreo	Base jump, sky surf	Paraquedismo, balonismo, vôo livre
Terrestre	Bungee jump. sandboarding	Montanhismo (escalada em rocha, escala em gelo, técnicas verticais, tirolesa, rapel, arvorismo), mountain bike (down Hill, cross country), trekking
Misto	Kite surf	Corrida de aventura
Urbano	Escalada indoor, skate, patins roller, bike (trial, bmx)	Parkour

Fonte: Pereira et al. (2008).

Coimbra (2006) divide os adeptos das AFAN em duas categorias: os guias e os praticantes. Os primeiros devem conhecer os aprendizados intrínsecos a essa prática e sua atuação deve estar voltada para a busca do desenvolvimento dos praticantes. Os segundos têm

como objetivo principal a busca de vivências, contato com a natureza e, muitas vezes, a superação de seus limites.

Em um aspecto mais fisiológico, as AFAN podem ser consideradas uma maneira mais confortável e atraente para os praticantes obterem um bom condicionamento físico. De modo geral, para a realização dessas atividades são utilizadas contrações isotônicas e isométricas, dependendo muito do local em que estas são praticadas. Para o treinamento de praticantes de AFAN deve ser levadas em consideração a duração e a capacidade de adaptação do indivíduo em relação à força e à atividade aeróbia (GRECO, 2006).

A prática de atividades de aventura também pode propiciar muitas melhorias para o indivíduo. Pesquisas realizadas por Antunes (2006), com atletas de corridas de aventura, demonstram que a prática prolongada dessa atividade pode prevenir alguns maus efeitos causados pela falta de sono adequado. Em termos psicológicos, Machado (2006) apresenta que as AFAN propiciam experiências ricas emocionalmente e, podem fazer com que o praticante perceba a sensação de poder e controle sobre ele mesmo e sobre o ambiente onde ele pratica as atividades. Contudo, a autora também evidencia que podem existir algumas emoções não tão positivas, como a frustração, durante sua prática.

As experiências emocionais causadas pela prática das AFAN podem ser justificadas pelo fato de que a natureza, por si só, já sensibiliza o ser humano, podendo suscitar varias reflexões importantes (BRUHNS, 1999). Segundo Tahara (2006), a prática de AFAN vem crescendo inegavelmente nos últimos anos. Esse crescimento pode ser explicado pelo desejo das pessoas em se aproximar do meio natural. Tais acontecimentos podem ser justificados pela crescente taxa de urbanização e pela falta de áreas verdes nas cidades. Esse autor ainda apresenta alguns motivos de aderência a essa prática, sendo estes referentes à possibilidade de fuga da rotina e o surgimento de novas tecnologias aplicadas nessa área.

De modo geral, o público alvo das AFAN possui uma característica muito heterogênea, seja em relação a sexo e idade, ou quanto às questões de origens. Esses aspectos podem ser destacados como pontos positivos das AFAN, quando em comparação com as atividades praticas em áreas urbanas, uma vez que estas não possibilitam tamanha diversidade de praticantes em uma determina atividade (TAHARA, 2006).

Um ponto interessante que deve ser destacado é o aumento da aderência feminina nas AFAN. O estudo realizado por Bruhns (2003) com praticantes de *rafting*, apresenta que mais da metade da amostra pesquisada foi constituída por mulheres.

Quando se fala em AFAN deve-se obrigatoriamente ressaltar a importância da segurança dos praticantes antes, durante e após a atividade. Por exemplo, para a realização do

arvorismo, passagem de uma árvore para outra utilizando cordas e outros equipamentos, em uma trilha aérea, é imprescindível que o praticante tenha tanta atenção ao subir (antes) e ao descer (após) das árvores, quanto durante a realização do próprio arvorismo. Segundo Munhoz (2006), o número de acidentes está crescendo com o passar do tempo, podendo ser justificado como consequência do também aumento da prática das AFAN. O mesmo autor apresenta que as principais causas de acidentes são a utilização de equipamento de má procedência e a falta de técnica dos próprios praticantes.

Silva (2006) relata que as experiências oferecidas pelas AFAN são muito diferentes daquelas vivenciadas nos esportes tradicionais e nos praticados em área urbana. O companheirismo e a sociabilidade são características importantes que as AFAN podem proporcionar. Frente a todas essas afirmações, pode-se concluir que as AFAN são um tema de grande destaque, não só pelo fato de proporcionarem uma vasta gama de atividades física, mas também, por dar oportunidade de trabalhar questões emocionais importantes para o desenvolvimento do ser humano. Dessa forma, esse tema pode ser trabalhado dentro da escola, nas aulas de Educação Física.

Segundo Pereira e Armbrust (2010), a escola deve proporcionar estímulos para seus alunos se desenvolverem nos diferentes estágios de maturação dos mesmos. Esses estímulos podem ser supridos pelas AFAN. Ainda segundo esse autor, as crianças que cursam a Educação Infantil estão em uma fase de descoberta do próprio corpo e do mundo, portanto, os esportes de aventura podem servir de apoio para essa descoberta, se for adaptado à capacidade das crianças. Essa adaptação deve ser feita principalmente para a segurança do próprio aluno.

Em relação ao Ensino Fundamental, os alunos devem ser encorajados a desenvolver responsabilidade e autoconfiança, características estas que as AFAN estimulam. Para os adolescentes, a prática das AFAN pode estimular também o companheirismo e a aproximação de pessoas com interesses iguais (PEREIRA; ARMBRUST, 2010).

Atualmente, as atividades no meio natural necessitam de um pouco mais de sistematização no Brasil (SCHWARTZ, 2006). No tocante a esta sistematização é preciso que seja implementada na organização das instituições responsáveis pela difusão e práticas das AFAN no país.

Com base na literatura, percebe-se uma gama de possibilidades de inserção destas atividades no contexto escolar, como estratégias potencialmente importantes para se trabalhar os conteúdos relativos às questões ambientais. Entretanto, pouco se tem pesquisado, ainda, sobre esses aspectos na visão dos professores atuantes na rede de ensino, merecendo a atenção deste estudo.

4. MÉTODO

Este estudo é de natureza qualitativa, por entender que permite descrever a complexidade da questão a ser estudada, compreendendo a dinamicidade dos grupos sociais e possibilitando um entendimento mais aprofundado. Segundo Richardson (1999, p. 80),

“Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.”

Para seu desenvolvimento, foram utilizadas as pesquisas bibliográfica e exploratória. A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir de livros, artigos em periódicos, *sites*, teses e dissertações relacionadas às temáticas: meio ambiente, escola e AFAN. No que tange à pesquisa exploratória, esta foi desenvolvida utilizando um questionário contendo perguntas abertas, o qual foi aplicado a uma amostra intencional composta por professores das redes pública e privada da cidade de Rio Claro, atuantes nos ensinos infantil, fundamental e médio.

4.1. Instrumento

O instrumento escolhido para realização da presente pesquisa foi o questionário. Segundo Cervo (1983), aplicar um questionário é o método mais utilizado para coletar dados e se justifica pelo fato de o questionário conseguir buscar informações com exatidão sobre o que se deseja estudar. Já Richardson (1999, p.189) explica que um questionário deve ter duas funções: “[...] descrever as características e medir determinadas variáveis de um grupo de social [...]”.

Nesse estudo, foi utilizado um questionário com perguntas abertas, pois, esta forma pode aprimorar o interesse durante a emissão da opinião do entrevistado sobre o tema pesquisado. Segundo Richardson (1990), a grande vantagem das perguntas abertas está na liberdade dos sujeitos para responder às indagações, o que se adéqua ao estudo proposto.

De acordo com Oliveira (2002), as perguntas de um questionário, sejam elas aberta ou fechada, deve ser de fácil entendimento, contendo linguagem adequada ao público alvo. A partir dessas considerações foi elaborado um questionário (APÊNDICE I) contendo cinco perguntas abertas, direcionadas para a experiência do entrevistado com a prática e ensino de

AFAN. Pontos relevantes como dificuldades de aplicação do tema e estrutura do local onde os entrevistados trabalham, também foram contemplados na elaboração do questionário.

Para que o questionário fosse validado, este foi aplicado com dois professores após sua elaboração inicial. A partir desta aplicação, alguns pontos foram melhorados, para que os sujeitos não tivessem interpretações errôneas das questões. Após essa fase o instrumento de avaliação foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Protocolo nº 2498). Os questionários respondidos nessa fase de elaboração não foram considerados na análise.

4.2. Sujeitos

A amostra aleatória participante do estudo foi composta por 20 sujeitos que possuíam graduação em Licenciatura em Educação Física e atuavam, nas redes pública e privada, nesta área. Não foi levado em consideração o tempo de exercício profissional para a participação no estudo.

4.3. Procedimentos

O primeiro contato foi feito com os diretores e coordenadores de instituições de ensino, tanto da rede pública, quanto da privada, selecionando-se, por conveniência, as escolas que apresentavam os diferentes níveis de ensino. Os objetos do estudo foram explicitados, solicitando-se autorização para o desenvolvimento do mesmo. De posse dessa autorização, foram selecionados por sorteio os 20 professores responsáveis pela disciplina de Educação Física e feito o contato e o convite para a participação neste estudo.

Em seguida, os sujeitos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE II), decidindo-se por participar do estudo, seguindo-se todos os procedimentos éticos exigidos para estudos com seres humanos. De posse da anuência dos mesmos para participar do estudo, foi aplicado o instrumento de pesquisa.

O pesquisador responsável esteve presente durante todo o processo, para sanar as dúvidas que surgiram durante a aplicação do instrumento.

4.4. Análise dos dados

Os dados provenientes da aplicação dos instrumentos proposta foram analisados descritivamente, por meio da utilização da Técnica de Análise de Conteúdo Temático (RICHARDSON, 1999; BARDIN, 2004) e suscitaram reflexões interessantes. Segundo Richardson (1990), a análise do conteúdo é uma técnica usada para estudos do tipo qualitativo, enfatizando que, para a realização desta análise devem ser mantidas a objetividade, a sistematização e a inferência. Os dados foram agrupados em eixos, conforme a recorrência das respostas. Para fins de melhor ilustrar os resultados, alguns dados foram apresentados em forma de gráficos.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O material coletado durante a aplicação dos questionários foi analisado de maneira descritiva, visto que, segundo Richardson (1999), esta forma de análise busca evidenciar mais claramente o comportamento das variáveis intervenientes no estudo. A análise dos dados obtidos foi realizada com base na técnica de Análise de Conteúdo Temático (RICHARDSON, 1999; BARDIN, 2004), a qual prevê que as respostas sejam separadas em eixos temáticos principais e secundários. Os eixos temáticos foram assim denominados: Aplicações das AFAN e Interesses.

O eixo que versa sobre Aplicação das AFAN foi subdividido em três eixos secundários: 1. motivos de aceitação sobre a aplicação; 2. preparo para a aplicação e; 3. dificuldades da aplicação. Isso foi possível devido às questões 1, 3 e 4, que buscaram investigar sobre a opinião do professor em relação a essas práticas, as condições oferecidas pelas instituições de ensino e as principais dificuldades encontradas pelos professores.

Para um melhor entendimento do eixo sobre Interesses, ocorreu também uma subdivisão em dois eixos secundários, a saber: 1. condições na escola; 2. interesses dos alunos. Esse eixo envolveu as questões 2 e 5, abordando a opinião dos professores sobre as condições oferecidas pela instituição de ensino e a expectativa que os alunos têm sobre AFAN.

No que tange à caracterização dos sujeitos com relação ao gênero, a amostra constou de 11 mulheres e 9 homens, totalizando 20 participantes. Os participantes possuem, em média, uma idade de 39,9 anos, sendo que o mais novo tem 24 anos e o mais velho, 51.

Também foi investigado sobre o tempo de atuação como profissional de Educação Física. Para descrever esses dados, os sujeitos foram divididos em 5 grupos, de acordo com os anos de atuação dos participantes como professores, conforme mostra a tabela.

Tabela2. Quantidade de professores por anos de atuação como profissional de Educação Física

Anos de atuação como professor	Frequência das respostas
1 a 5	3
6 a 10	3
11 a 15	3
16 a 20	5
21 a 25	6

Para melhor caracterizar a amostra sobre seus conhecimentos em relação à prática de AFAN, os sujeitos foram questionados diretamente a este respeito. Foram coletadas as seguintes respostas: 12 não praticavam AFAN; os demais sujeitos (8) que praticavam AFAN relacionaram as atividades, sendo que 4 tinham experiência com a trilha, 2 com bóia-cross e 2 com rapel.

5.1. Eixo Aplicação das AFAN

Este primeiro eixo, Aplicação das AFAN, teve por objetivo analisar como a prática das AFAN ocorre nas aulas de Educação Física nas escolas públicas e privadas do município de Rio Claro.

5.1.1. Motivos para aceitação sobre a aplicação

Em relação à pergunta 1, que procurou saber se os professores aplicam ou aplicariam AFAN em suas aulas, 75% dos participantes relataram que sim. Para tal questão as respostas foram:

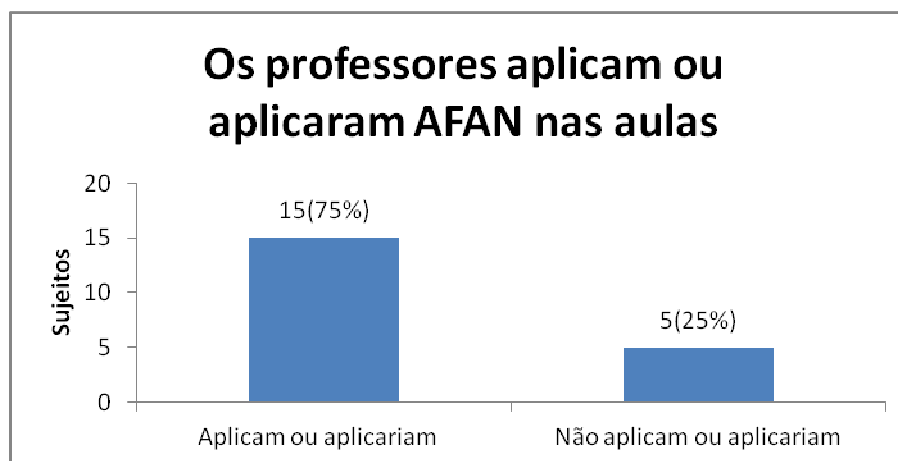


Figura 1. Respostas dos professores para a questão 1.

Como indicado no gráfico, os sujeitos se sentiriam à vontade para inserir as AFAN em suas aulas. Essa predisposição para a prática das AFAN pode ser explicado pelo aumento do destaque que esse tema vem ganhando nos últimos tempos. Segundo Marinho e Schwartz (2005) essa atividade vem ganhando seguidores de diversas culturas, idades e níveis sociais, pelo caráter perigoso e pelo contato com a natureza.

Dentre os motivos para tal aplicação está o interesse dos alunos sobre AFAN, a diversificação que esse tema proporciona às aulas, a relação com a natureza, o desenvolvimento da coragem e do auto-descobrimento por parte dos alunos e a vasta quantidade de movimentos que oferece aos alunos, como se pode verificar nos depoimentos dos sujeitos 1, 9 e 12.

“Sim. Nas aulas do Ensino Médio, principalmente, para aumentar o conhecimento dos alunos sobre o tema e como forma de diversificar os temas das aulas.”
(Sujeito 1)

“Eu aplicaria porque é uma forma de apresentar e ajudar o aluno no se movimentar.”
(Sujeito 9)

“Sim, pois é uma forma onde os alunos conhecem e participam de atividades relacionadas à natureza.”
(Sujeito 12)

Alguns professores relataram ter interesse em lecionar uma aula sobre AFAN porque este tema desenvolve coragem e autoconhecimento. Tahara (2004) explica esse fato comentando que as AFAN proporcionam uma sensação de risco e de perigo para o praticante, sendo assim, essa sensação ajuda o indivíduo a conhecer os seus limites e proporciona a vontade de vencê-los. Corroborando essa idéia, Pimentel (2009) apresenta que, mesmo essa prática proporcionando risco e perigo, isso não apaga a autonomia e a responsabilidade do

praticante. De modo geral, os autores indicam que o fato da AFAN possuir um componente perigoso é mais um atrativo para sua prática, quando estes perigos são apresentados de forma controlada.

Em relação aos professores que aplicariam ou não esse tema, a principal justificativa está na falta de experiência do próprio sujeito com essas práticas. Segundo Cardoso et al (2006) e Pimentel (2009) há um campo fértil de atuação em relação às AFAN, porém existem poucos profissionais capacitados, ou seja, eles não se encontram aptos para trabalhar com esse tema e, com isso, muitos profissionais de Educação Física estão deixando de utilizar esta rica vivência em suas aulas. Pimentel (2009) ainda enfatiza que as AFAN podem servir de pano de fundo para a recreação ambiental. Segundo Rico (2005), recreação ambiental são as atividades lúdicas vivenciadas na natureza, que reforçam o contato entre pessoas, com o objetivo de melhorar a compreensão destas sobre o meio natural.

Outros professores relataram a preocupação com a segurança como um fator negativo para a aplicação das AFAN nas escolas. Segundo Pereira e Armbrust (2010), existem vários equipamentos necessários para garantir a segurança do praticante de AFAN, porém, na escola, devido, muitas vezes, à inexistência desses equipamentos de específicos de proteção, podem ser realizadas várias adaptações, no sentido de se confeccionar alguns destes equipamentos ou, até mesmo, para deixar as práticas menos perigosas.

Cantorani e Oliveira Jr. (2006) também discutem essa questão da segurança. Para os autores, as pessoas estão acostumadas ao conforto, à tecnologia e à segurança, o que as leva a não praticar as AFAN, por não se sentirem confiantes na utilização dos equipamentos de segurança. A principal questão nesse ponto é que a exposição ao perigo que envolve a AFAN, deve ocorrer efetivamente de forma controlada, se não, muitas pessoas não deixariam de lado o conforto e a segurança para praticarem AFAN.

Em contra partida, Marinho e Schwartz (2005) relatam que a prática sem a consciência de segurança de seus praticantes pode se tornar perigosa, trazendo a sensação de descontrole, e portanto, não sendo caracterizada com uma atividade lúdica. Esta afirmação corrobora as dos sujeitos desta pesquisa, os quais não se sentem aptos a lidar com esta atividade, porém cabe a eles procurar as informações devidas e não apenas se esconder em desculpas, ou se apoiar em senso comum, para a não realização.

Apenas 1 sujeito deste estudo apresentou que as condições oferecidas pela escola não favorecem a prática, evidenciando que não depende apenas dele aceitar ou não a inserção, mas, de condições para o desenvolvimento da atividade. Os trechos a seguir demonstram algumas opiniões dos professores:

“Não aplico, não sou preparada.”
(Sujeito 3)

“Não, por questão de segurança e colaboração dos alunos.”
(Sujeito 10)

“Não, mas aplicaria se houve espaço e condições favoráveis para incrementar mais essa atividade.”
(Sujeito 7)

5.1.2. Preparo para aplicação

Em relação ao preparo para aplicação, a pergunta 3 enfatizava as experiências dos professores com essa prática. Como se pode observar no gráfico apresentado a seguir, 55 % dos sujeitos não se sentiam preparados para dar uma aula sobre AFAN.

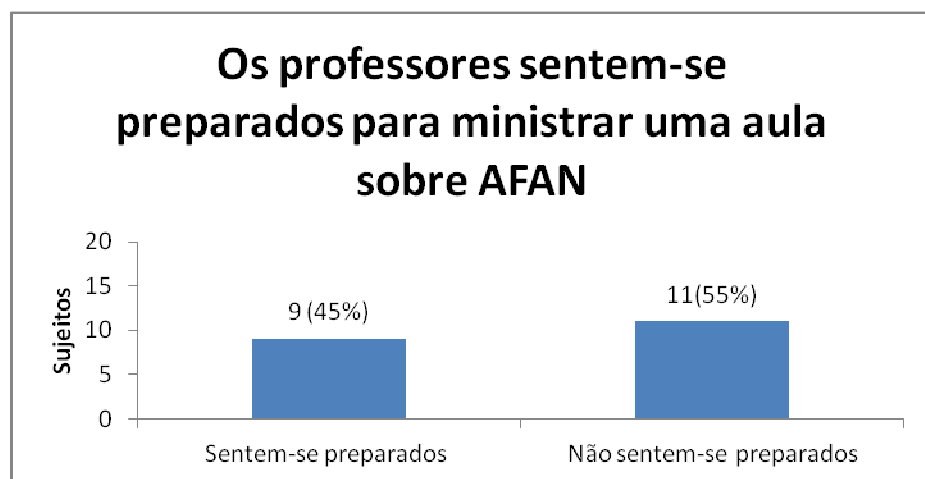


Figura 2. Respostas dos professores para a questão 3.

Os professores justificaram esse fato pela falta de conhecimento que têm destas modalidades, bem como, sua prática inexistente. Este aspecto pode estar relacionado, tanto ao desinteresse e informação dos próprios professores, quanto a pouca produção de conhecimento sobre o assunto. Segundo Gonçalves (2006), e escassez de material acadêmico sobre AFAN está relacionada às limitações da própria prática, sendo interessante ressaltar que o responsável pela atividade deve ter domínio do controle metodológico, oriundo de práticas e leituras específicas das AFAN.

Essa escassez de material acadêmico apontada pode ser uma justificativa para que as

AFAN não se encontrem como um tema a ser trabalhado, já que, poucos são os cursos de graduação de Educação Física que já abordam o tema, o que, em consequência, pode reforçar a mínima produção de conhecimento específico de material didático para suporte ao professor em sua prática. Corrêa (2008) comenta que há alguns indícios desse tema na formação acadêmica dos profissionais, mas que estes enfoques devem ser ampliados. O autor ainda relata que as AFAN podem ser abordadas dentro de algumas disciplinas obrigatórias ou, até mesmo, em disciplinas optativas, sempre levando em consideração três grandes temas: lazer, esporte e educação.

Como uma possível saída para este problema, 2 professores sugeriam treinamento e capacitações, no sentido de se tornarem mais aptos a oferecerem estas práticas. Segundo Corrêa (2008), o profissional que trabalha com o tema deve possuir conhecimento de todos os elementos dessa área, assim com, uma boa comunicação com as outras pessoas, além de experiência com a prática das AFAN.

Galvão (2002) defende que o professor tem uma função única dentro da escola, a de ligar o aluno ao conhecimento, sendo assim, torna-se imprescindível reforçar esta possibilidade, por meio da adoção de novas estratégias, como a utilização das AFAN. Para Cunha (1996), a falta de reconhecimento do profissional de educação física pela sociedade é também vista com um empecilho para que este tenha postura pró-ativa, no sentido de buscar sempre a complementação de seus conhecimentos.

Apesar dessas situações, é imprescindível que o professor tenha algumas qualidades para ser considerado um bom profissional. Para Galvão (2002) o professor deve conhecer os alunos, dominar o conteúdo a ser ministrado nas suas aulas e integrar seus conteúdos com outras disciplinas, a interdisciplinaridade proposta pelos PCN. A boa comunicação vem como uma consequência das outras características citadas acima.

Apenas 1 dos professores relatou não se sentir preparado por causa da segurança necessária para a prática dos AFAN. Esse fato vem ao encontro da questão da segurança relatada anteriormente. Marinho e Schwartz (2005) comentam que as técnicas de execução e de segurança são muito importantes para a prática de AFAN e, em relação à segurança, a experiência pessoal é levada muito em consideração. Cantorani e Oliveira Jr. (2006) comentam que a confiança do próprio praticante também está muito relacionada com a segurança, uma vez que um praticante confiante já possuirá certo grau de experiência e não terá anseio de não errar em excesso.

“Não, porque não tenho experiência com o tema.”
(Sujeito 18)

“Não, necessitaria de uma capacitação para aplicá-la.”
(Sujeito 7)

“Não, mesmo não conhecendo sobre o tema, falta equipamentos de segurança.”
(Sujeito 13)

Dentre os participantes que relataram ter preparo para aplicar esse tema, 4 justificaram-se pelo fato de possuírem experiência anterior com AFAN. Apenas 2 sujeitos se apresentaram capazes de aplicar o tema por causa de uma boa formação acadêmica. Como já foi citado anteriormente, esse tema ainda é pouco explorado na formação acadêmica em Educação Física, o que pode causar defasagem na atuação dos professores (CORRÊA, 2008).

Essa deficiência na formação acadêmica dos professores causa o surgimento de organizações para suprir essa falha, como é o caso da *Outward Bound*. A *Outward Bound* é uma organização que não possui fins lucrativos e que tem como objetivo realizar educação experimental no meio natural. Por mais de 65 anos, ela organiza cursos e expedições, possuindo sedes em mais de 30 países (OUTWARD BOUND BRASIL, 2011)

Outros 2 sujeitos relataram estar preparados por conhecerem o tema superficialmente, porém, reconhecem que necessitam de mais conhecimento teórico sobre o tema. Os trechos apresentados a seguir demonstram a opinião dos participantes.

“Após participar de um curso de técnicas verticais, me senti muito mais preparado, mesmo assim, o assunto sempre requer preparação das aulas”
(Sujeito 1)

“Sim, pois tive uma formação ampla, mas também possuía o hábito de estudar os conteúdos que ministrei nas aulas.”
(Sujeito 2)

“Sim, mas ainda é necessário um pouco mais de conhecimento”
(Sujeito 12)

Segundo Corrêa (2008), para o professor estar efetivamente preparado para ministrar uma aula sobre AFAN se faz necessário que ele possua certas características, muitas delas já citadas ao longo do trabalho, como ter conhecimento sobre o assunto a ser lecionado e comunicação clara. Para Pimentel (2009), o profissional ainda deve estar sempre recriando as intervenções, em busca de realizar melhorias na qualidade de ensino. Vale ressaltar que esse processo de “recriar” não deve ser feito apenas por fazer, mas sim, ser acompanhado de reflexões sobre o próprio profissional, sua atuação e seus alunos, adequando as propostas para o seu cotidiano escolar.

5.1.3. Dificuldade da aplicação

No que tange à dificuldade encontrada na inserção de AFAN nas aulas de Educação Física, muitos pontos foram levantados pelos participantes desta pesquisa. Podem-se enfatizar alguns itens como a falta de materiais e espaço adequados, a falta de segurança e o conhecimento sobre essa prática do professor, como foi possível verificar nos depoimentos expostos a seguir:

“Grande parte das atividades necessita de espaços especiais e a questão da segurança nas atividades, que deve ser muito bem estruturada”
(Sujeito 1)

“Acredito que a falta de conhecimento sobre esse tema seja uma dificuldade, não saber adaptar os materiais e o ambiente, em algumas escolas pode restringir o trabalho”
(Sujeito 5)

Em relação aos espaços adequados para a prática, os professores deixam evidente que, além de discutirem as possibilidades com o grupo gestor, não há muito mais o que fazer. Os locais e instalações de uma escola, geralmente, são financiados por instituições estaduais e municipais (FRACALANZA, 1999). Este fato minimiza as chances de realizar alguma mudança estrutural repentina, para a inserção de um tema dentro do cotidiano escolar, demandando muito empenho para um futuro que pode ser incerto.

Outro fator que corrobora a questão vem a ser referente à falta de condicionamento físico, geralmente presente nos próprios profissionais de Educação Física atuantes na escola, o mesmo ocorrendo quando se focaliza a equipe gestora da escola e também os alunos, diminuindo, conseqüentemente a aceitação, principalmente por parte dos estudantes. Segundo Gonçalves (2006), para se prática AFAN deve-se ter um nível mínimo de preparo físico, para que se evitem possíveis lesões durante a atividade. Este aspecto é bastante grave, tendo em vista que se torna uma realidade dentro do ambiente escolar, em que o próprio profissional, muitas vezes, não se encontra apto fisicamente para a realização de algumas tarefas motoras, desmotivando, em decorrência disto, seus alunos, por não oferecer estímulos adequados.

Um sujeito citou a dificuldade de realizar uma simples excursão que tenha este objetivo de trabalhar mais diretamente uma das possibilidades de vivência de AFAN, referente, por exemplo, a uma trilha ou caminhada em meio à natureza. Uma excursão teria muitos aspectos positivos, visto que Kleiber (2000) relata que o contato direto com a natureza, por meio das AFAN, pode estimular a formação da identidade e ampliar o conhecimento das potencialidades do próprio aluno.

Esse aspecto relativo ao valor de uma excursão didática em meio ao ambiente natural também é reforçado nos relatos de Yagi (2009). Para este autor o contato com a natureza pode gerar sensações positivas para os praticantes, como liberdade e superação, podendo, inclusive, alterar hábitos e valores imprescindíveis no tocante à motivação para a adoção de comportamentos pró-ativo e pró-ambiental. Como se pode verificar, um participante desta pesquisa relatou que:

“Principalmente com relação à infra-estrutura e sistema organizacional escolar, pois deslocar os alunos até um local adequado na natureza pode demandar muito esforço conjunto (mais de um professor).”
(Sujeito 2)]

Yagi (2009) explica que a natureza é um dos incentivos da prática das AFAN. A natureza, por si só, causa sensações de liberdade, aventura e risco ao homem. Em relação ao risco encontrado no contato com a natureza, este pode servir de estimulador para que o ser humano o supere, como já mencionado por Tahara (2004). As AFAN podem proporcionar estas sensações de desafio e sucesso, de forma saudável e segura, uma vez que os recursos tecnológicos, aliados aos técnicos e pedagógicos, podem representar diferenciais importantes nestes sentidos.

Por fim, com base nos resultados encontrados neste eixo sobre aplicação das AFAN, pode-se dizer que há uma grande tendência para que os sujeitos que participaram desta pesquisa utilizem as AFAN em sala, porém a maioria não se sente preparada para tal ação, principalmente pela falta de experiência prévia com o assunto. Outro fator limitante está relacionado com o espaço físico das escolas e os materiais inadequados, que se encontram diretamente ligado a preocupação exacerbada com a segurança dos alunos durante a prática. Por fim precisa ser dada uma maior atenção a preparação dos professores.

5.2. Eixo Interesses

Este eixo, Interesses, teve como objetivo analisar a opinião dos professores sobre as estruturas e materiais encontradas na escola, bem como, o apoio oferecido pelo grupo gestor da escola para a inserção das AFAN nas aulas de Educação Física. Dentro deste eixo, foram elencados os eixos secundários: condições na escola e interesse dos alunos, contendo as questões 2 e 5.

5.2.1 Sub-Eixo Condições na escola

Para essa discussão, foi necessário analisar, inicialmente, se a escola oferece materiais e apoio para o tema seja aplicado nas aulas de Educação Física. Isto foi feito por meio da questão 2, que buscou investigar diretamente quais as condições que a escola oferece.

As respostas dos sujeitos da amostra apontam para a falta de materiais específicos para a prática das AFAN nas escolas. Porém, os mesmo relatam que essa dificuldade pode ser amenizada por meio de um diálogo entre os professores e o grupo gestor da escola. As respostas da questão 2 estão apresentadas no gráfico a seguir.

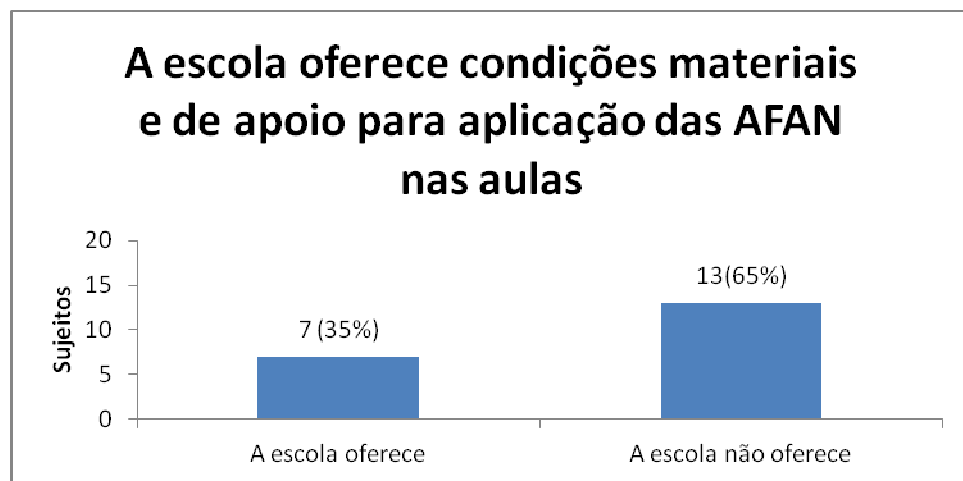


Figura 3. Respostas dos professores para a questão 2.

Como é mostrado no gráfico, 65 % dos professores relataram que a escola na qual trabalham não oferece condições materiais para a aplicação do tema, porém, possuem o apoio da direção em relação à inserção do tema nas aulas. Um dos participantes relatou a presença de uma abordagem mais teórica, com o auxílio da utilização de vídeos, já que não pode proporcionar um contato direto com as AFAN.

De acordo com Cysneiros (1999), o uso de tecnologias dentro da escola traz questões polêmica do ponto de vista filosófico. Mas, independente dessa problematização, o autor afirma que o a tecnologia aplicada na escola amplia o conhecimento e acelera o processo de ensino, principalmente em relação a temas com os quais os alunos não possuem contato.

Quatro participantes mencionaram a falta de espaço e material adequado na escola, como o trecho apresentado a seguir demonstra:

“Não oferece, faltam condições de infra-estrutura e materiais para sua aplicação”
(Sujeito 20)

Alguns professores sugeriram a adaptação de materiais para a facilitação da aplicação do tema. Este aspecto também foi proposto por Pereira e Armbrust (2010). Esses autores afirmam que é possível realizar adaptações em relação ao equipamento e ao grau de dificuldade das atividades, principalmente no que se diz respeito às atividades terrestres urbanas. O depoimento do sujeito 2 explicita esse ponto.

“Não, pois a própria escola não possui a infra-estrutura necessária para tanto. Particularmente, eu nunca trabalhei este tema, mas acredito que seja possível fazer adaptações ou programações de excursões para contemplar alguma AFAN.”
(Sujeito 2)

Os professores relataram possuir algumas condições para a prática das AFAN nas aulas, porém acrescentaram algumas ressalvas em relação à segurança dos alunos. Dois participantes alegaram possuir o espaço adequado, porém, eles mesmos eram responsáveis por providenciar os materiais necessários, como é visto no depoimento a seguir:

“Sim. Principalmente ao apoio quanto a ensinar tal assunto. O material, em sua grande maioria, é trazido pelo professor, pois tem alto custo para serem adquiridos pela escola.”
(Sujeito 1)

Apenas um participante relatou que possuía condições materiais e espaços bons para a prática do tema, porém não tinha certeza em relação à aceitação do grupo gestor sobre a inserção do assunto nas aulas, como é descrito no trecho a seguir:

“Eu creio que me dariam condições materiais, mas haveria ressalvas quanto ao tipo de atividade, pois na visão dos Diretores algumas atividades podem ser perigosas.”
(Sujeito 8)

Segundo Pereira e Armbrust (2010), as AFAN podem oferecer muitos benefícios para os alunos, entre eles, pode ser citado o desenvolvimentos de boas condutas com o colega e com o grupo, podendo estas ser transferida para o cotidiano familiar. De modo geral, quando bem ministradas, as aulas que abordam o tema AFAN tendem a oferecer aspectos positivos aos alunos, tanto em relação à parte psicossocial, quanto à parte física. Mesmo com todos esses aspectos favorecendo a aplicação dessas práticas, muitos professores não recebem apoio

do grupo gestor das instituições de ensino. Infelizmente, nenhum dos professores relatou em suas respostas os motivos da gestão escolar não apoiar essas práticas.

5.2.2. Sub-Eixo Interesse dos alunos

Em relação ao interesse dos alunos na aplicação das AFAN nas aulas de Educação Física, 85 % dos professores apontaram que são favoráveis às práticas que propiciam o contato com a natureza. Esse contato direto com o meio natural ajuda na eliminação do estresse e da sobrecarga intelectual do aluno, além da manutenção da qualidade de vida dos indivíduos (PEREZ; VASQUEZ, 2000). O gráfico a seguir ilustra esse fato.

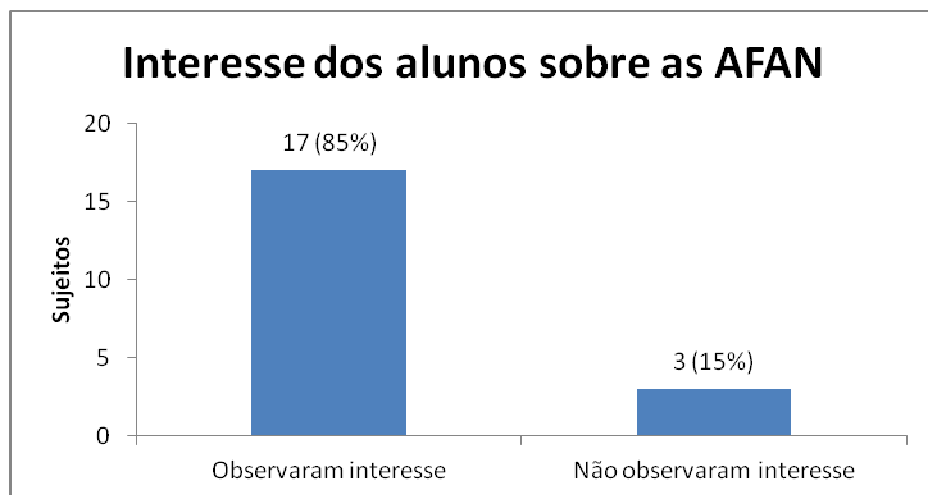


Figura 4. Respostas dos professores para a questão 5.

Os professores que observaram esse interesse em seus alunos justificaram esse fato pela forte influência da mídia nas vidas das pessoas atualmente, principalmente de crianças e adolescentes. Algumas das AFAN são retratadas no meio televisivo e isso pode influenciar as práticas corporais da população.

Tahara (2004) afirma, com base em seus estudos, que muitos praticantes tiveram um contato inicial com as AFAN por meio da mídia, ou seja, revistas, filmes, canais esportivos ou *sites*. Esse autor ainda afirma que os veículos midiáticos estão difundindo cada vez mais essa prática entre a população.

Yagi (2009) relata que a própria natureza é um fator que estimula a prática das AFAN, porque esta desencadeia sensações prazerosas, como a liberdade. Machado (2006) comenta que as AFAN proporcionam confiança e superação, devido à presença de risco controlado.

Essas são características que os jovens e adolescentes procuram. O depoimento do sujeito 2 ilustra esse ponto.

“Sim, pois geralmente eles vêem estas atividades em programas televisivos, mídia, imprensa ou por outros meio, e mesmo os que não têm esse acesso gostam muito de atividades que saiam da rotina da escola e das aulas convencionais de esporte ou habilidade motoras básicas”
(Sujeito 2)

Outro ponto retratado neste depoimento é o escape da rotina escolar. Os alunos se mostraram suscetíveis ao estabelecimento de um hábito, ansiando por diversificação de conteúdo. Segundo Tahara (2004) e Garcia et al (2009), a prática das AFAN pode proporcionar uma fuga do cotidiano, auxiliando na qualidade de vida de seus praticantes. Para as pessoas que estão habituadas ao ambiente urbano, realizar atividades em meio natural é algo extremamente novo e prazeroso (TAHARA, 2004).

Lavoura et al (2008), em um de seus estudos, questionou sobre quais eram as emoções que praticantes de AFAN sentiam durante a atividade. Muitos responderam com a palavra medo. O autor interpretou essas respostas não em sentido negativo, mas sim, associando como uma espécie de fuga do cotidiano resultando em fazer algo totalmente diferente das atividades habituais.

Os professores (17) descrevem este interesse devido a comentários que os alunos realizam após algum contato com esse tema, fora ou dentro da escola, como pode ser visto nos comentários a seguir:

“Sim, eles vivem perguntando sobre o assunto”
(Sujeito 3)

“Sim, porque quando eles vêem alguma matéria eles me procuram para comentar.”
(Sujeito 10)

Os professores que não observaram interesse dos alunos foram apenas 3; eles se justificaram argumentando que esse tema não é estimulado dentro de suas aulas por ele próprio, como é demonstrado no depoimento do sujeito 4 a seguir:

“Não percebo o interesse, pois não é uma prática estimulada em meus alunos, não tenho entre eles nenhum praticante, que pudesse vir a influenciar os demais.”
(Sujeito 4)

Pode-se concluir neste eixo a ocorrência de um grande interesse dos alunos em relação à inserção das AFAN nas aulas de educação física, seja para diversificá-las ou por curiosidade, cabe ao professor aproveitar esta iniciativa e se aprofundar no assunto, explorando-o com os alunos. Em contrapartida, muitas escolas não possuem as estruturas e materiais para tal prática, o que vem a dificultar sua inserção neste meio. Entretanto, este fato não pode ser considerado uma desculpa para a aplicação desse tema nas aulas, haja vista outras formas de transmissão do conhecimento, como a utilização de recursos tecnológicos.

Por fim, enfatizando uma experiência de sucesso, Franco (2008) sugeriu uma prática escolar abordando AFAN. O autor aplicou uma série de atividades dentro da própria escola e organizou uma excursão. Entre os temas trabalhados durante a intervenção estavam a corrida de orientação, o montanhismo, as atividades sobre rodas, como skate, e as atividades aquáticas, com o bóia cross. Para essas atividades, Franco (2008) utilizou práticas com materiais construídos pelo próprio autor.

Uma estratégia para aumentar o conhecimento dos alunos sobre o tema foi a pesquisa. Sempre antes da prática das atividades, o autor pedia para que os alunos realizassem pesquisas sobre os temas, para poder fundamentar as atividades.

O estudo apresentou um resultado muito positivo, mostrando que as AFAN podem efetivamente ser aplicadas no contexto escolar. Ao longo do trabalho, o autor relatou muitas dificuldades encontradas para realmente colocar em prática as atividades propostas, mas ao final, mostrou uma grande satisfação, principalmente com a grande aderência dos alunos.

Isto, mais uma vez, ratifica os resultados encontrados no presente estudo, sobre o interesse dos alunos nestas vivências e demonstra, inclusive, que depende muito do interesse do professor em tentar criar os mecanismos para que o assunto seja devidamente tratado nas aulas de Educação Física.

6. CONCLUSÃO

Este estudo teve por objetivo analisar a utilização das Atividades Físicas de Aventura na Natureza nas escolas públicas e particulares do município de Rio Claro, na visão dos profissionais de Educação Física. Por meio de questionário, o qual versava, entre outros pontos, sobre as dificuldades da prática das AFAN em aulas de Educação Física, bem como, o interesse dos alunos e do grupo gestor da Unidade Escolar, foi realizada a pesquisa de campo

ou exploratória. Procedeu-se a uma análise descritiva dos dados, utilizando a técnica de Análise de Conteúdo Temático, a qual auxiliou a nortear reflexões relevantes sobre este tema.

Foi possível verificar que existe a vontade dos professores em aplicar esse tema e o reconhecimento dos mesmos sobre a importância das AFAN para seus alunos. Porém, um obstáculo encontrado por eles está na falta de preparação para poder trabalhar com estas atividades. É interessante notar que eles atribuem esta falta à formação acadêmica dos professores, uma vez que esse tema não vem sendo abordado como deveria.

Outra justificativa relatada pelos participantes deste estudo está na falta de material e espaço adequado para a prática dentro da escola. Com relação a esta carência, pouco se pode fazer, visto que o espaço não é de competência dos gestores e sim, ligado às Políticas Públicas. Em contrapartida a isso, as AFAN se mostraram um tema que os alunos apoiariam, e gostariam de ter estas vivências como um dos assuntos a serem abordados nas aulas de Educação Física, o que se justifica, devido à diversidade de aspectos que podem ser desenvolvidos para a formação e crescimento em diversos âmbitos para o indivíduo.

Não se pode deixar de relatar que essa temática também promove um contato com o meio ambiente e ocasiona reflexão sobre a natureza, podendo, assim, por meio das vivências práticas se trabalhar de forma interdisciplinar a questão preservacionista, juntamente com outras disciplinas, para o desenvolvimento da educação ambiental. A prática das AFAN pode ser uma abordagem favorável neste sentido.

Outro ponto a ser destacado é a escassez de material acadêmico sobre os modos de aplicação de AFAN na escola. Estudos sobre o tema efetivamente já existem, porém, é preciso direcionar estas experiências para a sala de aula, subsidiando o Profissional de Educação Física para o trabalho adequado com as AFAN. Mais estudos acadêmicos sobre este assunto precisam ser desenvolvidos, visto que os alunos têm se mostrado favoráveis a este aprendizado.

Um ponto relatado por um dos sujeitos desta amostra foi com relação à equipe gestora estar ou não de acordo com a inclusão desta atividade nas aulas. Esse ponto não ficou claro, merecendo novos enfoques em outros estudos, já que, no relato de um dos sujeitos foi apontada a dificuldade de comunicação do professor com a direção escolar. Parece haver aqui um grande desafio a ser vencido, já que a comunicação entre esses dois elementos componentes do ambiente escolar é imprescindível para o bom andamento do sistema educacional. Esse indicativo revigora a necessidade de se refletir se há uma autoridade ou autoritarismo por parte dos gestores, a ponto de inibir ou não facilitar o acesso dos professores

e funcionários em relação a essa equipe gestora, o que pode ter ressonâncias bastante negativas em todo o processo educacional.

Com base nos resultados do estudo pode-se notar que muitas questões são ainda passíveis de novas abordagens, no sentido de se tirar alguma conclusão sobre a inserção das AFAN no ambiente escolar. Sendo assim, este continua um tema instigante, com diversos aspectos ainda a serem elucidados.

7. REFERÊNCIAS

- ANTUNES, H. K. M. Aspectos fisiológicos e a atividade de aventura: privação do sono em atletas de corrida de aventura. In: SCHWARTZ, G. M. (Org). **Aventuras na natureza: consolidando significados**. Jundiaí: Fontoura Editora, 2006. p 59-79.
- BARDIN L. **Análise de Conteúdo**. 3ª ed. Lisboa: Edições 70; 2004. 223 p.
- BEI COMUNICAÇÃO. **Esportes de aventura ao seu alcance**. (Coleção entenda e aprenda). São Paulo, SP: Bei Comunicação, 2002. 178 p.
- BETRÁN, J. O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. **Turismo lazer e natureza**. Barueri: Manole, 2003. 205 p.
- BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: Ministério da Educação, 1999. 144 p.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física** / Secretária de Educação Fundamental. 2º Ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2000. 96 p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126 p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 114 p.
- BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas: v. 18, n. 2, p. 86-91, 1997.
- BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: reflexões sobre turismo de aventura. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas: v. 21, n. 1, p. 727-731, 1999.
- BRUHNS, H. T. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. In: BRUHNS, H. T.; MARINHO, A. (Org.). **Turismo, Lazer e Natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p. 29-52. 205 p.
- CANTORANI, J. R. H.; OLIVEIRA JÚNIOR, C. R. O. Expansão das atividades físicas de aventura na natureza: análise sócio-histórica das necessidades desencadeadas pelo processo civilizador. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano 11, n. 100, Set. 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd100/afan.htm>>. Acesso em: 04 out. 2011.
- CANTORANI, J. R. H.; PILATTI, L. A. O Nicho Esportes de Aventura: um processo de civilização ou descivilização? **Lecturas, Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano.10, n.87, 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd87/aventur.htm>>. Acesso em: 24 mar. 2011.
- CARDOSO, A. R. et al. A educação pela aventura: desmistificando sensações e emoções. **Motriz**. Rio Claro, v.12, n.1, jan./abr. 2006, p.77-87
- CERVO, A. L. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983. 249 p.

- COIMBRA, D. A. Aspectos pedagógicos das AFAN. In: SCHWARTZ, G. M. (Org). **Aventuras na natureza: consolidando significados**. Jundiaí: Fontoura Editora, 2006. p.159-168. 262 p.
- CORREIA, E. A. **Formação do profissional de Educação física no contexto das atividades físicas de aventura na natureza**. 2008. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade). Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.
- CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. 6. ed. Campinas: Papirus, 1996. 182 p.
- CYSNEIROS, P. G. Novas tecnologias na sala de aula: melhoria do ensino ou inovação conservadora? **Informática Educativa UNIANDÉS**, Bogotá, v. 12, n. 1, p. 11-24. 1999.
- FRACALANZA, P. S. A gestão do Ensino Fundamental pelo governo do estado de São Paulo: Uma análise do financiamento e dos indicadores sociais de educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XX, nº 69, dez. 1999.
- FITCH, H. L.; TURVEY, M.T. On the control of activity: some remarks from an ecological point of view. In: LANDERS, D.M.; CRISTINA, R.W. **Psychology of motor behavior and sport**. Champaign: Human Kinetics, 1977. 294 p.
- GARCIA, L. G. et al. Lazer e meio ambiente: as práticas educativas e de sensibilização na natureza por meio do lazer e seu potencial na estação de pesquisa, treinamento e educação ambiental Mata do Paraíso em Viçosa – MG. **Licere**, Belo Horizonte, v.12, n.3, set. 2009.
- GALVÃO, Z. Educação física escolar: a prática do bom professor. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.1, n. 1, p. 65-72. 2002.
- GONÇALVES JUNIOR, L. Prefácio. In: SCHWARTZ, G. M. (Org). **Aventuras na natureza: consolidando significados**. Jundiaí: Fontoura Editora, 2006. p.13-14. 262 p.
- GONÇALVES, M. et al. Biomecânica e as atividades físicas de aventura na natureza. In: SCHWARTZ, G. M. (Org). **Aventuras na natureza: consolidando significados**. Jundiaí: Fontoura Editora, 2006. p.129 - 158. 262 p.
- GRECO, C. C. O treinamento físico e as atividades na natureza. In: SCHWARTZ, G. M. (Org). **Aventuras na natureza: consolidando significados**. Jundiaí: Fontoura Editora, 2006. p.81-99. 262 p.
- LAVOURA, T. N. et al. Aspectos emocionais da prática de atividades de aventura na natureza: a (re)educação dos sentidos **Revista Brasileira Educação Física Esporte**, São Paulo, v.22, n.2, p.119-27, abr./jun. 2008.
- MACHADO, F. H. Mundo emocionado e as atividades físicas de aventura na natureza. In: SCHWARTZ, G. M. (Org). **Aventuras na natureza: consolidando significados**. Jundiaí: Fontoura Editora, 2006. p.103-112. 262 p.
- MARINHO, A. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. **Revista Brasileira Ciências Esporte**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 143-153, jan. 2001.
- MARINHO, A.; SCHWARTZ, G. M. Atividades de aventura como conteúdo da educação física: reflexões sobre seu valor educativo. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano 10, n. 88, set. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd88/avent.htm>>. Acesso em: 04 out. 2011.
- MARINHO, I. P. **História da educação física**. São Paulo: Brasil, 1980. 212 p.

MUNHOZ, J. F. Aspectos organizacionais e as atividades físicas de aventura na natureza. In: SCHWARTZ, G. M. (Org). **Aventuras na natureza: consolidando significados**. Jundiaí: Fontoura Editora, 2006. p.197-208. 262 p.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. 320 p.

OLIVEIRA, V. M. **O que é educação física**. São Paulo: Brasiliense, 2006. 11 p.

Outward Bound Brasil. Campos do Jordão, 2011. Disponível em: < <http://www.obb.org.br/>> Acesso em: 05 out. 2011.

PEREIRA, D. W.; et al. Esportes radicais, de aventura e ação: conceitos, classificação e características. **Revista Corpo consciência**. São Paulo, v.12, n.1, jan/jun. 2008, p. 35-56.

PEREIRA, D. W., ARMBRUST, I. **Pedagogia da aventura: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola**. Jundiaí: Fontoura, 2010. 160 p.

PEREZ, R.N.; VASQUEZ, N.T. de la. Consideraciones en relación con la Educación Física y la formación de valores medio ambientales. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano 5, n. 21, mai. 2000. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd21b/medioa.htm>>. Acesso em: 04 out. 2011.

PIMENTEL, G. G. A. Atuação profissional em recreação na natureza. In: MARINHO, A.; UVINHA, R. R. **Lazer, esporte e aventura: a natureza em foco**. Campinas: Editora Alínea, 2009. P. 169 – 198. 264 p.

PIMENTEL, G. G. A. Risco e sociabilidade no vôo livre. In: DIAS, C. A. G.; ALVES JUNIOR, E. D. **Em busca da aventura: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza**. Rio de Janeiro: Editora de UFF, 2009. p. 83 – 96. 166 p.

RIBEIRO, M. L. S. **História da educação brasileira**. 20º ed. Campinas, Autores Associados, 2007. 207 p.

RICO, C. A. Las areas de efectividad em recreacion, **Revista Panamericana sobre Gestion de Recreacion. Tiempo Libre y Ocio**, Colombia. v.1, n.0, jan. 2005

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3º Ed. São Paulo: Atlas, 1999. 334 p.

SCHWARTZ, G. M. Aventura no âmbito do lazer: as AFAN em foco. In: SCHWARTZ, G. M. (Org). **Aventuras na natureza: consolidando significados**. Jundiaí: Fontoura Editora, 2006. p. 23-33. 262 p.

SILVA, R. L. A mulher e as AFAN: uma relação sensível. n: SCHWARTZ, G. M. (Org). **Aventuras na natureza: consolidando significados**. Jundiaí: Fontoura Editora, 2006. p.225-234. 262 p.

TAHARA, A. K. **A aderência às atividades físicas de aventura na natureza, no Âmbito do lazer**. 2004. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade). Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

TAHARA, A. K. Fatores de aderência às atividades de aventura. In: SCHWARTZ, G. M. (Org). **Aventuras na natureza: consolidando significados**. Jundiaí: Fontoura Editora, 2006. p.113-126. 262 p.

TEIXEIRA, P. H. F. **Atração pelo risco: a prática do esporte de aventura**. 2004. 44 f. Trabalho de Conclusão do Curso (Licenciatura em Educação Física) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

KLEIBER, D.A. Implicaciones del compromiso y la separación como experiencias de ocio relativas al desarrollo humano. In: CABEZA, M.C. **Ocio y desarrollo humano**: Propuestas para al 6º Congreso Mundial de Ocio. Bilbao: Universidad de Deusto. 2000. 237 p.

YAGI, H. Y. **Motivos de permanência nas vivências de atividades físicas de aventura na natureza**. 2009. 66 f. Trabalho de Conclusão do Curso (Licenciatura em Educação Física) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

8. ANEXOS

8.1. Anexo I

QUESTIONÁRIO

Idade: _____ Sexo: () fem. () masc.

Tempo de atuação como professor de EF: _____

Pratica Atividade Física de Aventura na Natureza: () sim () não

Se sim, qual? _____

PERGUNTAS:

1.Você aplica ou aplicaria o tema de Atividades Física de Aventura na Natureza (AFAN) nas suas aulas de Educação Física? Por quê?

2.A escola oferece condições matérias e de apoio para que esse tema seja aplicado em suas aulas? Explique.

3.Você se sente preparado para dar uma aula sobre AFAN? Explique.

4.Quais as dificuldades para aplicação desse tema?

5.Você percebe algum interesse dos alunos sobre esse tema? Explique.

8.2. Anexo II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 196/96)

Você está sendo convidado(a) a participar do Projeto do Núcleo de Ensino intitulado: POSSIBILIDADES E DIFICULDADES DE INSERÇÃO DE ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA NAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE RIO CLARO, que tem como objetivo analisar a utilização da AFAN como um dos temas abordados nas aulas de educação física nas escolas do município de Rio Claro, no sentido de conscientizar os alunos para as questões ambientais

A sua participação no estudo se dará por meio de um questionário elaborado somente para este fim e estará sob orientação da aluna do Curso de Graduação em Educação Física da UNESP, Srta: Ana Paula Teruel, RG 46.724.282-3, Residente à Avenida 6-A, 829 – Rio Claro – SP Fone: (19) 3024-2757. Esta aluna, juntamente com a pesquisadora responsável, ficará à disposição para informações ou esclarecimentos de qualquer dúvida, antes e durante a pesquisa. Os riscos são mínimos, os quais podem ser de natureza emocional, devido a possíveis recordações desagradáveis, os sujeitos não passarão por nenhum constrangimento e suas identidades serão mantidos em absoluto sigilo.

Os resultados do estudo poderão ser publicados, mas, com a garantia de que a seu nome ou identificação não serão revelados. A participação na pesquisa poderá ser interrompida a qualquer momento, por qualquer motivo, sem nenhum tipo de constrangimento. Para tanto, se faz necessário sua assinatura na declaração apresentada a seguir:

DECLARAÇÃO

Eu, _____, Documento de Identidade nº _____, Sexo _____ Data de Nascimento _____, Endereço _____ Telefone para contato _____ autorizo a minha participação das atividades, por meio da pesquisa oral. Declaro ainda, que CONCORDO com a minha participação na pesquisa intitulada “POSSIBILIDADES E DIFICULDADES DE INSERÇÃO DE ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA NAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE RIO CLARO”, tendo sido suficientemente esclarecido sobre os objetivos, a forma de participação, a liberdade de interrupção a qualquer momento, sem penalização ou risco de qualquer natureza e sobre a garantia de anonimato.

Local: _____

Data: _____

Assinatura: _____

Titulo do Projeto: Possibilidades e dificuldades de inserção de atividades de aventura na natureza nas escolas do município de Rio Claro

Pesquisador Responsável: Gisele Maria Schwartz.

Cargo/Função: Professor Adjunto

Instituição: LEL/DEF/ IB/UNESP-UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO” – CAMPUS DE RIO CLARO

Endereço: Av. 24-A, 1515 – Bela Vista, Rio Claro-SP – CEP: 13506-900

Dados para Contato: fone (19) 3526 4335 e-mail: schwartz@rc.unesp.br

Aluno de Graduação - pesquisador:

Ana Paula Teruel

Instituição: LEL/DEF/ IB/UNESP-UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” – CAMPUS DE RIO CLARO

Endereço: Av. 24-A, 1515 – Bela Vista, Rio Claro-SP – CEP: 13506-900

Dados para Contato: fone (19) 3524 –0575 e-mail: paula@rc.unesp.br

Gisele Maria Schwartz

TERMO DE ASSENTIMENTO

Eu, _____, Documento de Identidade nº _____, Sexo _____ Data de Nascimento _____, Endereço _____ Telefone para contato _____, aceito participar da pesquisa intitulada “**POSSIBILIDADES E DIFICULDADES DE INSERÇÃO DE ATIVIDADES DE AVENTURA NA NATUREZA NAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE RIO CLARO**”, tendo sido suficientemente esclarecido sobre os objetivos, a forma de participação, a liberdade de interrupção a qualquer momento, sem penalização ou risco de qualquer natureza e sobre a garantia de anonimato.

Rio Claro, _____ de _____ de 2011.

Assinatura: _____